

humanitas



Vol. XV–XVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA
MCMLXIII-LXIV

Trata-se de uma movimentada revista com cenas inspiradas em Plauto e a que não faltam as personagens tradicionais do autor latino : um *seruus calidus*, Pseudolus, que é desempenhado por um sujeito com o pitoresco nome de Zero Mostel. Há seis jovens beldades, do louro ao preto, passando pelo moreno, artisticamente despidas, na categoria de *meretrices*, com os nomes de Femina, Vibrata, Curia, Gymnasia, Curiosa e Panacea. Tirando *Gymnasia*, que no cómico romano seria provavelmente *Gymnasium* (há uma na *Cistellaria*), os nomes restantes não têm muito de plautinos.

Lá estão ainda uma *Domina*, *matrona* dominadora, o correspondente *senex*, um *leno* e um *miles*, chamado mesmo Miles Gloriosus. E não obstante duas personagens terem o nome de comédias (Pseudolus e Miles Gloriosus), uma das cenas deve ter vindo da *Mostellaria*.

O público ri divertido, embora talvez nem sempre entenda o pleno significado de certas «coisas engraçadas» que acontecem em *A Funny Thing Happened on the Way to the Forum*. Assim, por exemplo, terminada a sua parlenda inicial, quando o Prólogo anuncia a subida do paño, este cai estrondosamente, em vez de subir. A assistência dá uma gargalhada, mas poucos decerto sabem que era assim que começava uma peça romana, no tempo de Cícero.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

RECORDAÇÕES DE ATENAS: A LÍNGUA

Os jornais noticiaram que a língua falada popular, a *δημοτική* (pronúncia: *dimotiki*), ia ser instituída como língua oficial da escola, na Grécia, em detrimento da *καθαρευονσα* (pron.: *katharévussa*) ou língua mais cuidada (e, portanto, mais próxima do grego antigo), escrita pela gente culta.

Esta medida de carácter educativo e social está de acordo, aliás, com certas tendências actuais da linguística que proclamam a maior legitimidade da língua falada e a consideram a autêntica representante de cada idioma.

Quanto ao grego moderno, a experiência pessoal de nove dias na Grécia, em Setembro de 1958, e de alguns contactos com gregos nos Estados Unidos, de 1959 a 1962, e a bordo do Olympia da Companhia

Greek Lines, em que viajei de Nova Iorque para Lisboa, em Junho de 1962, além de algum estudo da língua, em diversas ocasiões, dá-me o mínimo de autoridade que considero indispensável para me aventurar a escrever as minhas impressões.

O grego falado, com as suas inovações de morfologia e de vocabulário, e a sua fonética abundante em sons de «i» (além de η, ι, υ, os ditongos ει, οι, υι) e em fricativas, é ininteligível para quem apenas conheça o grego clássico, sobretudo na leitura erasmiana. Na língua escrita, a falta de símbolos próprios para as oclusivas sonoras, pois que os sinais antigos designam fonemas fricativos, constitui outra dificuldade (1).

Assisti, em Atenas e em Nova Iorque, a representações de teatro em grego moderno, e pouco ou nada entendi. E o mesmo se deu com alguns filmes helénicos que vi nos Estados Unidos.

Aconteceu até, que no Museu Nacional de Atenas, uma quinta-feira de manhã, ao copiar a inscrição atribuída a Simónides (2), que lá se encontra a acompanhar uma exibição de vasos encontrados no *tumulus* dos caídos em Maratona, em 490 a.C., fui abordado por um natural do país, que me perguntou qualquer coisa em grego. O diálogo travou-se depois em francês. Chegámos à conclusão de que ele não era capaz de entender o grego de Simónides, que traduzi para francês para sua ilustração, e eu, infelizmente, não entendia o grego dele, apesar de ter vertido sem dificuldade um texto poético em grego antigo.

A prova de que esta situação não era fortuita, mas correspondia à realidade comum, estava em que alguns dos trechos de autores antigos, citados a propósito de certos objectos expostos, vinham ao lado «traduzidos» em grego moderno.

Assim, a dar ambiente a uma estátua de Pan *σοβαρός*, a oração de Sócrates a Pan, no grego de Platão. E ao lado, a respectiva *μετάφρασις* em grego moderno. Dou o final do passo, como ilustração:

Φαιδρός — Καὶ ἐμοὶ τὰντα σὺννεχόν κοινὰ γὰρ τὰ τῶν φίλων.*

Σωκράτης — "Ἴωμεν. (Platão, Fedro, 279 c).

(1) Basta ver algumas transcrições de palavras estrangeiras: ΓΚΟΥΝΤΓΗΑΡ Goodyear, Μπάρ bar, Πορτυγκέζ portugaise (sopa), todas colhidas em Atenas.

(2) Cf. J. M. Edmonds, *Lyra Graeca*, II, Heineman, London, 1952, p. 358:

*Εἰ το καλῶς θνήσκειν ἀρετῆς μέρος ἐστὶ μεριστον,
ἡμῖν ἐκ πάντων τούτ' ἀπενεμε τύχη'
'Ελλάδι γὰρ σπεύσαντες ἐλευθερίαν περιθειῖναι
κείμεθ' ἀγηράντφ χρώμενοι εὐλογία.*

Na versão em grego moderno que copiei no Museu Nacional de Atenas :

Φ. — *Καί γιά μένα εὔχον τα ἴδια, Οἱ φίλοι τά ἔχουν δλα κοινά.*

Σ. — *'Ας πηγαίνο με.*

Quanto ao grego escrito, de tabuletas de estabelecimentos e de avisos e instruções, de peanhas de estátuas (1) e de postais ilustrados, a dificuldade era muito menor do que a da língua falada. Passou-se até um pitoresco incidente com os guardas do Museu:

Havia eu lido à entrada, e entendido sem grande dificuldade, que a admissão era livre à quinta-feira de tarde. Em grego moderno, os dias da semana seguem, como em português, a tradição cristã. Deste modo, a quinta-feira é *Πέμπτη* (2).

Como as entradas em museus e sítios arqueológicos são caras — os gregos em toda a parte colocam vedações e cobram bilhetes, mesmo em explorações arqueológicas realizadas por estrangeiros e com dinheiro estrangeiro —, decidi não ir essa tarde a Eléusis e aproveitar a entrada gratuita no Museu.

Mal dera, porém, os primeiros passos no edifício, senti atrás de mim grande borborinho de guardas indignados. Como eu não entendia o grego falado e me recusava a perceber os seus gestos de intimação para que saísse, finalmente apareceu um «cerbero» que falava francês, língua que em Atenas me pareceu mais usada do que o inglês. Dizia-me que tinha de pagar. Retorqui-lhe com a notícia da entrada. O homem, confuso, explica aos outros a inesperada objecção. Depois de animada conferência entre os guardas, veio a solução digna de Ulisses: «Tinha que pagar, em qualquer caso. A notícia destinava-se apenas aos gregos e só a eles beneficiava, porque os estrangeiros, por definição, não entendiam a língua».

Observei, passeando pelas ruas, entre outras notas pitorescas no domínio linguístico, o desenvolvimento tomado pelo sufixo

(1) Por exemplo, esta que copiei do pedestal duma estátua equestre e que qualquer mediano helenista clássico entende, à simples vista:

ΘΕΟΔΩΡΟΣ Ι ΚΟ Λ ΟΚΟ ΤΡΩΝ ΗΣ / 1821 / ΕΦΙΠΠΟΣ ΧΩΡΕΙ / ΓΕΝΝΑΙΕ ΣΤΡΑΤΗΓΕ / ΑΝΑ ΤΟΥΣ ΑΙΩΝΑΣ / ΔΙΔΑΣΚΩΝ ΤΟΥΣ ΛΑΟΥΣ Ι ΠΩΣ ΟΙ ΔΟΥΛΟΙ ΓΙΝΟΝΤΑΙ / ΕΑΕΥΘΕΡΟΙ.

(2) Os outros dias da semana são, a começar no domingo:

Κυριακή, Δευτέρα, Τρίτη, Τετάρτη, (Πέμπτη), Παρασκευή, Σάββατο.

τήριον, ao designar instituições, no grego moderno: ΠΛΥΝΘ-
 PION, KOMMΩTHPION, ΛΙΠΗΤΗΡΙON, ΚΑΘΑΡΙΣΤΗΡΙΑ,
 ΤΑΜΙΕ Υ ΤΗΡΙON, ΕΝΕΧΥΡΟΔ ΑΝ ΕΙΣ ΤΗΡΙON, ΔΙΟΙΚΗΤΗ-
 ΡΙON, etc.

Até Φροντιστήριον que Aristófanes cunhou para se rir da escola de Sócrates, inventada nas *Nuvens* (1), chamando-lhe «pensadoiro», designa agora gravemente um tipo de escola secundária.

Enfim, toda a minha experiência do grego moderno mostra que são actualmente exageradas as palavras de William W. Goodwin, na Introdução da sua *Greek Grammar*, embora pudessem ser mais conformes com a realidade, quando as escreveu, no final do século passado: «It is not too much to say, that the Greek of most of the books and newspapers now published in Athens could have been understood by Demosthenes or Plato».

Isto dificilmente é verdade hoje e sê-10-á cada vez menos. Quem quiser saber grego moderno, tem que estudar esta língua por si, embora com maior facilidade, se conhecer o grego clássico que continua a ser a língua da Grécia Antiga e um dos grandes idiomas de civilização, coisa que o grego moderno não é.

A antiga Hélade permanece também a razão principal de glória para os gregos actuais, dentro e fora da mãe-pátria (como tive ocasião de ver nos cortejos comemorativos dos heleno-americanos, na Quinta Avenida, em Nova Iorque), e o motivo quase exclusivo da procura da Grécia hodierna pelos turistas estrangeiros.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

GREGO E LATIM NOS JORNAIS PORTUGUESES

A nossa imprensa, ao contrário da americana (2), por exemplo, é avessa ao estudo do Grego e do Latim.

Todavia, inopinadamente, podem nela surgir testemunhos favoráveis às línguas clássicas, principalmente em artigos de autores estrangeiros.

(1) Cf. A.C.R., *Διπλά⁹ Ονόματα no Estílo de Aristófunes*. Coimbra, 1952, p. 51.

(2) Cf. *Humanitas*, XIII-XIV (1961-2), pp. 368-374, «Grego e Latim nos Jornais Americanos».